



DACEC Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 02/10/2020 a 08/10/2020

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUI, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUI, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUI e Bacharel em – Administração UNIJUI.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
02/10/2020	10,20	349,40	31,94	5,73	3,79
05/10/2020	10,21	343,60	32,81	5,84	3,79
06/10/2020	10,44	354,30	33,29	5,92	3,85
07/10/2020	10,51	361,00	33,31	6,07	3,88
08/10/2020	10,50	359,20	33,24	5,95	3,87
Média	10,37	353,50	32,92	5,90	3,84

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	146,00	
RS – Não Me Toque	146,00	
RS – Londrina	141,00	
PR – Cascavel	140,00	
MT – C.N.Parecis	138,00	
MS – Maracaju	157,00	CIF
GO - Rio Verde	139,00	
BA – L.E.Magalhães	137,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	70,00	CIF
Porto de Paranaguá	67,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	62,00	
SC – Rio do Sul	58,00	
PR – Cascavel	58,00	
PR – Londrina	57,00	
MT – C.N.Parecis	52,00	
MS – Maracaju	60,00	
SP – Itapetininga	66,00	
SP – Campinas	70,00	CIF
GO – Rio Verde	57,00	
GO – Jataí	57,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	60,00	
RS – Não Me Toque	60,00	
PR – Londrina	67,00	
PR – Cascavel	68,00	

Período: 07/10/2020

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 08/10/2020**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	59,34	143,31	60,26

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
08/10/2020**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	103,01
Feijão (saco 60 Kg)	235,00
Sorgo (saco 60 Kg)	41,80
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,52
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,00**
Boi gordo (Kg vivo)*	7,37

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Setembro/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago, nesta primeira semana cheia de outubro, voltaram a subir de forma importante, fechando a quinta-feira (08) com o primeiro mês registrando US\$ 10,50/bushel, contra US\$ 10,23 uma semana antes.

Os estoques reduzidos nos EUA, conforme já comentamos no boletim passado, e o atraso no plantio da safra brasileira, devido a falta de chuvas, seriam os motivos centrais deste comportamento neste momento. Isso porque a demanda chinesa, embora continue presente, vem diminuindo de intensidade, enquanto a colheita da nova safra estadunidense avança. Além disso, o mercado se posicionou para o novo relatório de oferta e demanda do USDA, o qual seria divulgado nesta sexta-feira (09/10) e que iremos comentar com detalhes no próximo boletim.

No que diz respeito a colheita dos EUA, até o dia 04/10 a mesma chegava a 38% da área semeada, contra 28% da média histórica. Portanto, a mesma está acelerada, o que se torna um motivo de pressão baixista nas cotações, embora ainda não faça efeito sobre as mesmas. Das lavouras que faltavam colher, 64% apresentavam condições entre boas a excelentes no início de outubro.

Quanto aos embarques de soja por parte dos EUA, na semana encerrada em 24/09 os mesmos atingiram a 1,67 milhão de toneladas, subindo 28% sobre o exportado na semana anterior. No acumulado do novo ano comercial, o total chega a 6,6 milhões de toneladas, ou seja, 57% acima do registrado no mesmo período do ano comercial anterior.

Dito isso, parte do mercado internacional julga que a euforia em torno das cotações da soja está acima do normal, não havendo motivos para tanto. Especialmente porque os Fundos estão com posições compradas as mais altas dos últimos oito anos, devendo as cotações passarem por correção logo mais adiante. Sentimento que nós comungamos e já alertamos neste espaço.

Por outro lado, os defensores das altas indicam que o ano 2020/21 iniciará com estoques muito baixos em milho e soja nos EUA, após o relatório do dia 30/09, e que a colheita que se desenvolve neste momento naquele país estaria indicando um volume final menor do que o esperado. Isso justificaria a euforia atual de preços em Chicago.

É neste contexto que o relatório desta sexta-feira (09) ganha uma dimensão muito maior. A estimativa do mercado era de que o mesmo apontasse uma safra de soja nos EUA em 116,8 milhões de toneladas, ou seja, abaixo dos 117,3 milhões do relatório de setembro, porém, ainda bem superior a frustrada safra do ano passado, quando atingiu a 96,6 milhões de toneladas. Para os estoques finais do ano 2020/21 nos EUA a aposta era de 9,8 milhões de toneladas, contra 12,5 milhões em setembro. Já os estoques mundiais também seriam menores, ficando em 90,9 milhões de toneladas, contra 93,6 milhões indicados em setembro, podendo haver redução nos estoques finais de 2019/20, com os mesmos passando de 96 milhões para 94,7 milhões de toneladas em nível mundial.

Aqui no Brasil, com o câmbio se mantendo acima dos R\$ 5,50 por dólar, com prêmios elevados nos portos, e com Chicago cerca de um dólar e meio por bushel mais elevado

do que há dois meses, os preços continuaram subindo. Além disso, não há praticamente soja disponível no país, enquanto as indústrias esmagadoras continuam demandando produto.

Com isso, a média gaúcha no balcão saltou para R\$ 143,31/saco, enquanto nas demais praças nacionais pesquisadas os valores giraram em R\$ 140,00 a R\$ 141,00/saco no Paraná; R\$ 138,00 em Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 157,00 no CIF Maracaju (MS); R\$ 139,00 em Rio Verde (GO); e R\$ 137,00/saco em Luís Eduardo Magalhães (BA). Os atuais preços estão praticamente o dobro dos praticados na mesma época do ano passado.

Outro fator que vem causando preocupação é o forte calor e a falta de chuva nas regiões produtoras do centro do país, fato que está atrasando o plantio e pode comprometer a produtividade final da soja. Além disso, a nova safra tende a entrar no mercado mais tarde, ou seja, em fevereiro apenas. Ora, no Mato Grosso, por exemplo, geralmente 25% da mesma está colhida no final de janeiro. Esta falta potencial de produto em janeiro está elevando os prêmios nos portos para fevereiro para até um dólar por bushel. (cf. AgRural)

Isto também estaria animando as cotações em Chicago, pois a demanda chinesa deverá continuar comprando dos EUA em janeiro e parte de fevereiro, antes de conseguir acessar a nova safra brasileira da oleaginosa devido o atraso em sua colheita.

Até o dia 1º de outubro o Brasil havia semeado 1,6% de sua área de soja, com o Mato Grosso alcançando 3,5% e o Paraná 4,2% da área. Nos três casos bem abaixo da média histórica para esta data. No Mato Grosso, por exemplo, até o dia oito de outubro cerca de 20% da área deveria estar semeada a julgar pela média histórica.

Este quadro se agrava na medida em que se espera estoques finais de soja no Brasil, em dezembro de 2020, de apenas 419.000 toneladas, ou seja, os menores da história.

Por outro lado, apesar do atraso no plantio, o Mato Grosso espera semear um recorde de 10,3 milhões de hectares, ou seja, uma alta de 3,2%. Ao mesmo tempo, a produtividade deverá crescer 1%, passando a 58 sacos/hectare. Desta forma, a expectativa é de que o Estado mato-grossense atinja uma produção recorde de 35,9 milhões de toneladas de soja nesta nova safra.

Em termos brasileiros, a expectativa, se o clima deixar, é de uma produção total se aproximando das 134 milhões de toneladas de soja, ou seja, cerca de 10 milhões acima do colhido no ano anterior segundo a Conab.

Assim, embora a tendência seja preços menores quando da nova colheita, talvez os mesmos não baixem dos R\$ 100,00/saco na maioria das praças nacionais já que mais da metade da safra está vendida antecipadamente, levando os produtores a venderem bem menos quando da colheita. Entretanto, boa parte desta possibilidade dependerá do câmbio no Brasil o qual, como se sabe, está com um Real muito desvalorizado, havendo a necessidade de uma correção nos próximos meses.

Enfim, em termos de exportação, o Brasil espera vender ao exterior ainda 1,91 milhão de toneladas de soja em outubro, elevando o total anual para 81,2 milhões de toneladas, contra 65,9 milhões no mesmo período de 2019.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho subiram igualmente em Chicago, porém, em um ritmo bem mais lento do que o da soja. O bushel do cereal fechou a quinta-feira (08), para o primeiro mês cotado, em US\$ 3,87, contra US\$ 3,82 uma semana antes.

A colheita do milho nos EUA chegou a 25% da área no dia 04/10, contra 24% na média histórica para esta data. Por sua vez, 62% das lavouras que faltavam colher apresentavam condições entre boas a excelentes.

Quanto as exportações, os EUA embarcaram 863.995 toneladas na semana anterior, ficando dentro do esperado pelo mercado. No acumulado do atual ano comercial 2020/21, o país norte-americano exportou 3,67 milhões de toneladas até o final de setembro, com um aumento de 81% sobre o mesmo período do ano anterior.

No Brasil, os preços se mantiveram em alta na maior parte das praças, diante do encerramento da colheita da safrinha e de uma demanda aquecida, puxada também pelas exportações graças a um Real que se mantém fortemente desvalorizado. Assim, a média gaúcha no balcão fechou a semana valendo R\$ 59,34/saco, enquanto nas demais praças os preços médios registraram os seguintes valores: R\$ 58,00 na região central de Santa Catarina; entre R\$ 57,00 e R\$ 58,00 no Paraná; R\$ 52,00 em Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 60,00 em Maracaju (MS); R\$ 66,00 em Itapetininga (SP); R\$ 70,00 no CIF Campinas (SP); e R\$ 57,00/saco nas regiões goianas de Jataí e Rio Verde.

Por sua vez, a média do indicador de preços do Cepea/Esalq fechou setembro com o valor nominal mais alto de sua série histórica, iniciada em 2004, ao atingir R\$ 60,06/saco.

Na B3, o contrato novembro estava em R\$ 70,52 durante o pregão da quinta-feira (08), enquanto janeiro registrava R\$ 70,55, março R\$ 70,00 e maio R\$ 66,30/saco.

Por sua vez, como a demanda externa se mantém firme, os prêmios nos portos brasileiros, para o milho, chegaram a US\$ 1,40/bushel nesta semana.

Soma-se a isso o fato de que os produtores brasileiros, por já terem vendido muito produto antecipadamente, agora freiam as vendas, diante do clima adverso para o plantio de verão. Em paralelo, a demanda se mantém firme, puxando para cima os preços.

Nestas condições de plantio, aliás, a entrada da nova safra de verão somente se dará no final de janeiro e em fevereiro, ou seja, com um mês de atraso.

Dito isso, no Paraná, o plantio da nova safra de verão atingiu a 65% da área projetada, sendo que 38% das lavouras a colher estavam em germinação, com 84% em boas condições.

Já no Mato Grosso do Sul, a Famasul local revisou suas estatísticas e consolidou que a área semeada com milho safrinha deste ano ficou em 1,89 milhão de hectares, com uma produção final bem melhor, atingindo a 10,6 milhões de toneladas em função de uma produtividade média final de 93,4 sacos/hectare. Mesmo assim, a produção ficou abaixo da registrada no ano anterior, que foi de 12,2 milhões de toneladas. Nos últimos seis anos a produção sul-matogrossense de milho safrinha cresceu 23,7%, a área semeada 13,5% e a produtividade média 9%. Enfim, a comercialização da safra chegava a 65% do total neste início de outubro, contra 58% no mesmo período do ano anterior. O preço médio do cereal atingia a R\$ 54,88/saco neste início de outubro, contra R\$ 30,25/saco na média do mesmo período do ano anterior, indicando que o preço do milho safrinha, nos últimos 12 meses, sofreu um aumento de 81% naquele Estado. Obviamente, tais preços não estão sendo recebidos atualmente pela maioria dos produtores porque os mesmos venderam anteriormente boa parte de suas safras, embora as tenham vendido em níveis de preços já muito bons.

Por outro lado, as exportações brasileiras de milho são esperadas em 4,57 milhões de toneladas em outubro, contra 5,8 milhões em setembro e 5,5 milhões de toneladas em outubro do ano passado. Assim, entre janeiro e outubro o Brasil terá exportado 24,7 milhões de toneladas, contra 33,7 milhões em igual período de 2019. Esta situação pode levar o país a fechar o ano civil de 2020 com vendas totais ao redor de 32 a 33 milhões de toneladas, o que elevaria os estoques finais esperados e poderia puxar para baixo os preços do cereal. Todavia, isso irá depender do andamento da nova safra de verão que, no momento, enfrenta problemas climáticos importantes (falta de chuvas) no Centro-Sul brasileiro.

Enquanto isso, a Conab projeta que o plantio total de milho no Brasil em 2020/21, chegue a 18,5 milhões de hectares, com leve recuo sobre o ano anterior. A safra de verão terá um recuo de 1,1%, com a área ficando em 4,19 milhões de hectares. Nestas condições, a produção total de milho no Brasil, para este novo ano comercial, chegaria a 105,2 milhões de toneladas, com aumento de 2,6% sobre o colhido no ano anterior. Ainda segundo o organismo oficial brasileiro, a produtividade média deverá crescer 2,8%, chegando a 6.387 quilos/hectare. O estoque inicial deste novo ano comercial deverá ser de 10,4 milhões de toneladas. Somando-se a 900 mil toneladas importadas, a oferta total de milho no ano será de 116,5 milhões de toneladas. Deste total, espera-se exportações ao redor de 35 milhões de toneladas e um consumo interno de 71,8 milhões de toneladas. Neste quadro, os estoques finais de milho em 2020/21 ficariam em 9,7 milhões de toneladas, ou seja, 7,2% abaixo do registrado no ano anterior. Com isso, em fevereiro de 2022 o Brasil terá milho para atender a demanda total por um período de apenas 1,6 mês.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago deram um salto nesta semana e chegaram a romper o teto dos US\$ 6,00/bushel, porém, acabaram recuando na quinta-feira (08), quando o primeiro mês fechou em US\$ 5,95/bushel, após US\$ 6,07 na véspera e US\$ 5,70 uma

semana antes. Tal cotação não era vista há mais de três anos, lembrando que ainda no final de junho do corrente ano Chicago trabalhou entre US\$ 4,70 e US\$ 4,90/bushel.

O clima seco na Rússia e nos EUA estiveram na origem deste salto de preços na semana. Com isso, o mercado começa a especular a possibilidade de o governo russo instituir uma nova cota de exportação para o seu trigo, fato que reduziria a oferta do cereal no mercado global. Já nos EUA, o plantio do trigo de inverno encontra dificuldades devido ao clima seco nas Planícies do Sul.

Mesmo assim, o plantio deste trigo de inverno, até o dia 04/10, chegava a 52% da área esperada, contra 47% na média histórica. Entretanto, tal plantio não estaria sendo feito nas condições ideais de clima, fato que pode prejudicar a produtividade final.

Paralelamente, os embarques estadunidenses de trigo somaram 643.671 toneladas na semana encerrada em 1º de outubro. Este número ficou bem acima do esperado pelo mercado, acumulando um total de 9,9 milhões de toneladas no atual ano comercial, ou seja, 9,8% acima de igual momento do ano anterior. Já na semana encerrada em 24/09 as exportações líquidas estadunidenses atingiram a 506.300 toneladas de trigo, sendo este volume 15% acima da média das quatro semanas anteriores.

Por sua vez, notícias procedentes da Argentina dão conta de que o vizinho país irá aprovar a variedade transgênica de trigo, tolerante à seca, conhecida como HB4, da empresa de biotecnologia Bioceres. Em isso se confirmando, o país será o primeiro a autorizar trigo geneticamente modificado. No entanto, a companhia só poderá iniciar a comercialização do trigo HB4 quando a semente for autorizada pelo governo do Brasil, principal destino das exportações argentinas do cereal. O documento a respeito destaca que o órgão sanitário argentino Senasa disse que "não foram encontradas objeções científicas para sua aprovação a partir do ponto de vista da adequação alimentar humana e animal".

Lembrando que, do total importado de trigo pelo Brasil, de janeiro a agosto deste ano, que foi de 4,6 milhões de toneladas, 3,8 milhões de toneladas tiveram origem na Argentina, segundo dados do governo brasileiro.

Já no Brasil, os preços do trigo se mantiveram em elevação igualmente, apesar da colheita avançar no Paraná. A quebra de safra está mantendo os preços elevados. No Paraná, o preço médio do trigo no mercado disponível (negociações entre empresas) esteve em R\$ 1.190,19/tonelada (R\$ 71,41/saco), enquanto no Rio Grande do Sul o preço médio ficou em R\$ 1.125,60/tonelada (R\$ 67,54/saco). A nível de produtor, a média gaúcha fechou a corrente semana em R\$ 60,26/saco, enquanto no Paraná o produto oscilou entre R\$ 67,00 e R\$ 68,00/saco. Em Santa Catarina, negócios de lotes no CIF moinhos oscilaram entre R\$ 73,80 e R\$ 78,60/saco nesta semana.

Neste momento, a comercialização no Paraná ainda é lenta, diante de um Real muito desvalorizado, o que encarece o preço do produto importado, e diante de um clima seco que está prejudicando a qualidade do grão. Esta situação climática igualmente é bastante séria no Rio Grande do Sul, após as quebras provocadas pelas geadas de fins de agosto e as chuvas de granizo de setembro. No Estado gaúcho, algumas regiões iniciaram a colher, porém, ainda a área é mínima. Como era de se esperar, o produto já colhido apresenta PH abaixo de 78, sendo considerado de baixa qualidade.

A produtividade média ficou em apenas 32,4 sacos/hectare, sem considerar ainda a baixa qualidade. Aliás, é considerável o número de produtores gaúchos solicitando Proagro para o trigo. A quase totalidade das lavouras gaúchas, no início de outubro, estavam com 20% em floração, 55% em enchimento de grãos e 22% em maturação, segundo a Emater/RS.

E o quadro climático tende a piorar já que as chuvas esperadas para esta corrente semana praticamente não ocorreram nas regiões produtoras gaúchas, não havendo projeções de chuvas significativas nos próximos sete dias pelo menos.

Em termos de colheita, o Paraná já teria atingido a 2,5 milhões de toneladas (73% da área semeada). Somando isso as 258.700 toneladas colhidas em São Paulo e as 214.500 toneladas em Minas Gerais, o país já teria uma disponibilidade de trigo novo ao redor de 3 milhões de toneladas, porém, a comercialização é lenta já que os preços estão subindo e os produtores esperam para vender. Ao mesmo tempo, os compradores de farinhas estão aumentando a demanda para melhorarem seus estoques antes de uma alta ainda mais significativa dos preços do cereal.

Vale alertar que, se todos os produtores começarem a segurar sua safra, apesar de um bom percentual já estar vendido antecipadamente, o que poderá ocorrer, entre janeiro e março, momento em que a safra argentina também estará no mercado, é um recuo acentuado dos preços do cereal, repetindo o que aconteceu na safra 2017/18.